

IMPLICAÇÕES DA CONECTIVIDADE: PROLEGÔMENOS

IMPLICATIONS OF CONNECTIVITY: INTRODUCTION

Cleomar Rocha, Olira Rodrigues

RESUMO

O artigo discute a conectividade enquanto fenômeno pós-mídia, caracterizando-a a partir da cultura do compartilhamento e do acesso, em detrimento da cultura da posse e da guarda. A discussão coloca em causa o universo das informações, com ênfase nas produções textuais, sonoras e audiovisuais, além de pontuar aspectos da comunicação entre humanos e humanos, humanos e não humanos e não humanos e não humanos. Conclui que a conectividade firma-se como característica social contemporânea, formando traços próprios da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Acesso. Compartilhamento. Conectividade. Cultura. Tecnologia.

ABSTRACT

The article addresses connectivity as a post-media phenomenon, characterizing it from the culture of sharing and access to the detriment of the culture of ownership and possession. The discussion questions the universe of information, with emphasis on textual, sound and audiovisual productions, as well as aspects of communication between humans, humans and non-humans, and non-humans and non-humans. It may be concluded that connectivity becomes a contemporary social characteristic that constitutes the very fabric of culture itself.

KEYWORDS: Access. Sharing. Connectivity. Culture. Technology.

INTRODUÇÃO

DA CONVERGÊNCIA DAS MÍDIAS À CONECTIVIDADE

Mídia, um dos elementos da comunicação, é o componente que viabiliza e assegura a circulação de todo o ato comunicacional em um contexto linguístico, por atuar como suporte e, ao fazê-lo, definir possibilidades e impossibilidades suportadas.

O sistema linguístico, por sua vez, está atrelado à história da cultura e à história da sociedade, mesmo porque as linguagens não existem isoladas social e culturalmente. Assim, o estudo da Sociolinguística, enquanto ciência, possibilita à linguagem ser configurada como um sistema vivo e aberto, diante de frutos de contextos sociais, comumente referendados como aspectos extralinguísticos.

A linguagem, de gênese multissensória, é tensionada em suas construções e sentidos, principalmente quando tomada em contextos específicos de sua execução, quando o contexto e seus executores exercitam suas conexões e inexactidões interpretativas, fazendo pulsar sua tônica, que se prende não a um uso linear e puro, mas a jogos constitutivos de dissoluções e recombinações, em redes semânticas.

De modo similar, as mídias têm experimentado condições deveras distintas, emergindo de contextos tensionados pela cultura e convergentes pelo devir midiático. Tais condições, tidas como avanços, decorrem das mudanças científico-tecnológicas, como fontes diversas dos processos comunicacionais e uma práxis fundada no fluxo e na conexão.

Alguns autores evocam esse fenômeno em distintas nomenclaturas. Jenkins (2009) com a convergência das mídias, e Santaella (2014), com a cultura das mídias, são exemplos. Jenkins, um dos mais atuantes estudiosos de mídia contemporânea, se debruça no discurso de convergência das mídias, na expansão de possibilidade de cultura participativa, permitindo tanto maior acesso à produção, quanto maior acesso à circulação dessa cultura.

Para o autor, convergência midiática é mais considerada como um fenômeno cultural em detrimento do fenômeno sociotécnico, na conjuntura de que novos modelos relacionais entre produtores e usuários de mídia são estabelecidos. Para tanto, transcende um processo meramente tecnológico, com uma interação crescente entre mídias tradicionais e atuais. Em Jenkins, designar o termo convergência cultural para toda convergência midiática exterioriza uma logicidade real, em função da abrangência dos fundamentos e princípios dessa convergência.

Ainda segundo o autor, o público torna-se “bem-vindo à cultura da convergência, onde velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p.343). Aqui, as velhas e as novas mídias estão convergindo, mostrando que alguns estudiosos estavam equivocados quando previam que as antigas mídias se findariam. Ao contrário, as mídias estão se combinando e se amalgamando, não sob a falácia da caixa preta, mencionada por Jenkins, onde todos os equipamentos se transformariam em um, mas como um multiplicador de mídias.

De igual modo, Santaella (2014) se posiciona em defesa desse não desaparecimento da cultura de massa em virtude da eclosão da cultura digital:

Defendo que é preciso levar em conta que cada tecnologia de linguagem deu origem a processos semióticos específicos que são imperecíveis, embora estejam passando por procedimentos tradutórios em mídias digitais. Assim, por exemplo, mesmo que seja considerada a possibilidade de desaparecimento do jornal em papel ou do livro em papel, o jornal na especificidade de sua linguagem e de sua função social irá se preservar, do mesmo modo que a estrutura do livro enquanto informação especializada também não se perderá. Tanto é que estão sendo gradativamente transpostos para o digital (SANTAELLA, 2014, p.5).

A autora não acredita na desaparecimento do texto impresso diante da mera transposição para o digital. O sujeito que utiliza desses meios digitais não sai ileso da experiência da imersão, pois se encontra exposto e imerso em um espaço descentrado e projetado para conectividade máxima e leituras programadas descontínuas, em detrimento de estágios sequenciais de leitura impressa.

Se o uso das tecnologias de processamento de informação tem culminado na perda de autonomia e intencionalidade do sujeito autor ou leitor cartesiano do livro impresso, mais ainda se firma a perspectiva de uma linguagem viva, que agora se molda não em mídias ou meios que a definem ou a suportam, mas na condição multiplataforma que dá à mensagem uma vivacidade opositora à visão McLuhaniana de que o meio define a mensagem. Em contrapartida, não há como premeditar o exercício de leitura hipertextual, diante de um complexo sistema de interações insolúveis entre autor, leitor e texto — entre humano e não humano.

As mídias pós-convergência se definem pela conectividade, perdendo sua autoridade sobre a mensagem, antes caracterizada pela especificidade da mídia. Em tempos de conectividade, a conformação da mensagem à mídia é plural e se amolda a dispositivos segundo a disponibilidade de acesso, e não mais conforme sua caracterização formal, como defendia Moles (1969), e mesmo Rocha e Coelho (2009), em época em que tal defesa fazia sentido.

DA POSSE E GUARDA AO COMPARTILHAMENTO E ACESSO

Transformações técnicas, comunicacionais e estéticas já foram experienciadas, no entanto, não com tanta pujança e velocidade como se tem presenciado nas últimas décadas, entre o final do século XX e o início do século XXI.

De acordo com Neitzel (2005, p.108), “em 1978, Ted Nelson delineia uma visão do hipertexto eletrônico com o projeto XANADU, o qual apontava para uma imensa rede acessível em tempo real, que continha todos os ‘tesouros literários e científicos do mundo’”. Proeminentemente, na contemporaneidade, propriedades como conexão, velocidade, produção, controle, circulação, atualização e multi, inter e transdisciplinaridade têm modificado a realidade vivenciada das diversas formas narrativas da modernidade.

O estudo de modelos culturais de conhecimento e sua prática pelas bibliotecas digitais e midiatecas, por exemplo, constituem terreno fértil para investigadores de história da linguagem, arte, cultura, comunicação e conectividade.

Embora o texto impresso conduza a perspectivas virtuais de leitura, ainda é limitado, diante da viabilidade do hipertexto eletrônico, ao afluir movimentos, sons, luzes e possibilidades de interatividade comunicacional. Sendo que:

[...] a leitura só ganha foros de descontinuidade e de irregularidade nos meios eletrônicos, graças à descontinuidade e à irregularidade da base material dos textos criados para o ciberespaço. Isso que se diz, superficialmente, do texto eletrônico, nunca deixou de ser verdade com relação ao texto impresso: sobre os holopoemas, Eduardo Kac diz que eles devem ser lidos 'in a broken fashion, in a irregular and discontinuous movement, and it will change as it is viewed from different perspectives'. A linearidade e a rigidez por certo estão intimamente associadas à base material do texto impresso, mas de modo algum são elementos essenciais a sua leitura e a sua escrita. Por outro lado, é certo que essa ciberescrita exige a apreensão de uma nova sintaxe, no que Kac está rigorosamente correto (SANTOS, 2005, p.16).

Convém destacar que toda leitura, até mesmo impressa, mantém uma certa liberdade de escolhas, e nisso a ilusão de obra sempre lida linearmente do início ao fim se desfaz. As notas de rodapé e citações, por exemplo, são consideradas intertextos, o que remete à não linearidade, exercício há muito praticado pela cultura livresca.

Já o sistema hipertextual apresenta um espaço bem mais expansivo, no qual a arquitetura dos textos em rede se manifesta diferentemente em relação às obras convencionais, ressaltando tanto a multivocalidade quanto o descentramento. Janelas superpostas, diante de uma pluralidade de justapostos multilineares, formando uma rede viva, aberta e conectada a diversos outros dados apresentam um mosaico textual.

Em uma estrutura que se expande tanto em termos de linguagens (verbais, sonoras, imagéticas etc.) quanto em termos de mídias (*Internet*, vídeos, *games*, sons etc.) e dispositivos (computador, celular, TV etc.), as bibliotecas digitais,

[...] que vêm colocando em rede um grande número de obras até aqui acessíveis apenas a um restrito público de pesquisadores, apresentam-se também como possibilidade de aprofundamento e expansão do conhecimento. Os textos agora visualizados, lidos, traduzidos – em uma fração de tempo sequer vislumbrada pelo mais otimista dos estudiosos de há poucas décadas – oferecem informações e revelam universos que permaneceriam reservados a poucos sem os modernos recursos e, principalmente, sem a vontade de transgressão das limitações que impulsiona aqueles que se dispõem a revelá-los aos olhos de todos (RÉGIS, 2005, p.125).

Nesse contexto, as bibliotecas digitais apresentam novas velocidades, multiplicidades rizomáticas e redes de informação, cuja liberdade de investigação justapõe-se à sedução de esquemas preestabelecidos.

A diversidade linguística e a diversidade cultural se impõem como questões centrais na contemporaneidade. Esse novo vórtice aponta para a premência por compreender o uso da tecnologia como ferramenta a serviço da difusão da informação nas bibliotecas digitais, apresentando como maior desafio a previsibilidade de um futuro midiaticamente indeterminado. Bellei (2002) pontua uma diferença de configurações de bibliotecas com essas formatações,

de não apenas serem reproduções de textos impressos, mas de bibliotecas alternativas, com valioso capital simbólico:

As bibliotecas virtuais, ora em fase de construção, constituem um outro exemplo de acúmulo diversificado de capital simbólico, e isso qualitativa e quantitativamente. Compare-se, por exemplo o que é, possivelmente, a melhor biblioteca de Estudos Culturais existentes hoje no Brasil: a biblioteca do Prossiga, patrocinada pelo CNPq. Além de proporcionar valiosos *links* para outros sites e acervos, a biblioteca do Prossiga transfere textos escritos para a rede, muitos deles em português, tornando-os acessíveis para um público muito maior do que aquele que seria atingido pelo texto impresso. Mas os textos são, via de regra, idênticos aos textos impressos, vale dizer, não são incorporados, na transferência para o meio digital, aos recursos de *links* ou de hipertexto, provavelmente porque o processo, nesse caso, tornar-se-ia mais difícil e custoso. Por outro lado, a biblioteca virtual de Rossetti, organizada por McGann, coloca em rede e em hipertexto a obra escrita e pictográfica do poeta, de forma a facilitar o leitor a navegação entre textos impressos e gravuras. As gravuras, além disso, podem, não apenas ser acessadas e visualizadas pelo leitor, mas ainda ser manipuladas visualmente de várias formas (ampliadas, visualizadas em detalhe, visualizadas em cores diversas e em preto e branco, etc.). Mas essa riqueza de possibilidades não poderia ser produzida sem recursos abundantes, inclusive para o desenvolvimento de *software* específico para o projeto de construção da biblioteca. McGann constrói a sua biblioteca com o apoio financeiro e logístico do Institute for Advanced Technology in the Humanities. O resultado é a produção de um acervo que, não apenas reproduz textos impressos, mas constitui, antes, uma biblioteca alternativa e, em muitos aspectos, melhor do que os acervos impressos já existentes (BELLEI, 2002, p.132)¹.

¹ Embora o autor nomeie bibliotecas virtuais, há claro apontamento para bibliotecas digitais, visto existirem. Virtual se lastreia ao sentido de latência, força para vir a ser, aquilo que ainda não foi atualizado. O termo não se aplicaria, portanto, às bibliotecas disponibilizadas *online*.

O autor apresenta duas iniciativas em que se estabelece uma análise acerca do recurso investido e de quanto isso interfere na abrangência dos projetos. Adiante, o autor tece uma crítica entre posicionamentos de Bill Gates e Theodore Nelson a respeito da comercialização de bens culturais. Enquanto aquele adquiriu direitos autorais de museus para consumo eletrônico no mercado, este idealizou o "Projeto Xanadu", como uma biblioteca eletrônica global, acessível à participação de todos como autores e leitores.

Ainda em se tratando de mercantilização, a hegemonia do inglês na rede é contraproducente, na medida em que o monopólio linguístico contradiz a desconstrução da Torre de Babel. Nesse sentido, combater a hegemonia da língua inglesa em ambientes digitais, possibilitando a tradução de todas as línguas, desde os sistemas de programação aos conteúdos disponibilizados na rede, ainda é um desafio cultural. Há de se apontar para o fato de todas as informações digitais estarem codificadas em linguagens de programação, esta sim universalizada e metaforicamente vencedora da própria Torre de Babel.

Nesse sentido, a linguagem de programação, que verdadeiramente tem existência plural, sobrepõe-se às línguas naturais, em pano de fundo, para além das interfaces gráficas, formando-as, quer verbal, quer sonora ou visualmente. Será preciso ressaltar, finalmente, para o sistema hipertextual gerado pela linearidade do código de programação, em alusão à construção e desconstrução das línguas naturais, em que pesem a possibilidade interativa e a forja programática do espaço-informação e da manipulação direta, concei-

tos de Engelbart, na construção do recurso das interfaces gráficas.

Em um processo de desdobramento social em relação às bibliotecas digitais, surgem nessas instituições contemporâneas as midiatecas, bibliotecas midiáticas configuradas a partir da pós-convergência das mídias. As midiatecas, ou multitecas, envolvem projetos de dimensão cultural, educacional e social, com uma consciência mais nítida de não isolamento de seu próprio acervo local e com inserção no jogo de múltiplas possibilidades de repositórios e fluxos de dados. Isso significa dizer que seu acervo, acessível em locais específicos, se expande via rede de computadores, tornando-se acessível e compartilhado em qualquer local e para qualquer local, como que onipresente.

Essa confluência constitui um intenso turbilhão informacional mundial, na criação de linhas de difusão cultural, apropriando-se de fones, televisores, *tablets*, totens, filmes, fotografias etc., para socialização de informações dentro de uma determinada comunidade, bem como em espaços extramuros, visto que o acesso é sua gênese.

Tais características midiáticas corroboram a construção de experiências sensíveis mais próximas aos processos comunicacionais da língua viva, em condições materiais de apresentação do enunciado, tratados pela enunciação, assim como articulam sentidos, contribuindo para o teor do enunciado, inclusive deflagrando sentidos contrários. Essa completude sensória faz emergir novas sensibilidades e subjetividades, amalgamadas aos contextos próprios enunciatórios. Para tanto, Lima (2005) pontua alguns questionamentos, diante dessa metamorfose no compartilhamento de obras científicas e não científicas (literárias, culturais, artísticas, históricas, sociológicas, filosóficas, religiosas, políticas etc.), compreendendo o espaço da biblioteca como um ambiente de bordas expansíveis nos campos dos saberes.

O problema dos protocolos da literatura neste cenário paradoxal de grandes e perversas transformações: quais serão os estatutos do literário em um mundo cada vez mais mediado pela técnica do virtual e do digital que impõe novas formas de percepção da realidade, criando novos desejos e novos espaços de atuação? (LIMA, 2005, p.130).

Na configuração das midiatecas, que reúnem seus formadores biblio, pina, disco e afins, as obras são rizomáticas, labirínticas e fluidas, com inúmeras alternativas de combinações, resvalando um processo em rede de composição e recomposição, dinamicamente. Em função disso, é oportunizada ao leitor a confluência de pensamentos em um movimento inesgotável e aberto.

A característica dialógica e democrática, viabilizada pela tecnologia, fomenta a pluralidade de signos em discursos digitais pluritextuais e sensoriais. Entretanto, as tecnologias não são condição *sine qua non* de transformação de novas formas de percepção, mas apenas parte atuante do processo.

O conhecimento, por assim dizer, é processo, processo de acumulação, a partir de novas teias tecidas e novas tramas traçadas de informações, por intermédio da socialização de saberes, via comunicação. Para isso, compete a esse leitor/interator selecionar e analisar conteúdos, suscitando a criticidade, para que aponte possibilidades de descobertas, conseqüentemente aprimorando seu

próprio domínio teórico-metodológico, sendo o exercício crítico uma forma de prática teórica.

Nessa lógica constitutiva, os espaços antes nominados de bibliotecas, espaços de guarda e posse de livros, cedem sua vez para a emissão ou recepção de dados digitais, que são propagados para seus usuários, quer estejam próximos, quer distantes. Essa lógica subverte a própria noção etimológica do termo biblioteca — na origem grega queria dizer uma grande caixa (*theké*) de livros (*biblion*) —, que não guarda nem possui, mas dá acesso e compartilha seus tesouros informacionais, verbais, visuais, audiovisuais, sonoros e interativos, em uma miríade informacional que se lança rumo ao conhecimento, como cumprimento de uma predestinação cultural, ainda que aqui seja, de fato, virtual.

INTERAÇÕES SEMIÓICAS

Enquanto a interpretação confere formas simbólicas a partir do paradigma da materialidade do acervo e guarda do conhecimento, a interação interpretativa alcança o fluxo em estado contíguo e contínuo no espaço semântico. Trata-se de tempo de transformação comportamental entre observador e interator, marcado pelo desenvolvimento das tecnologias midiáticas, cujo acesso à informação tem se tornado desterritorializante, sem a estabilidade estrutural textual, mas numa escrita em movimento, diante de uma nova guisa de produzir sentido, de forma dinâmica e aberta.

De acordo com Bellei (2002, p.98):

A informação armazenada em um meio eletrônico como a *Internet* assemelha-se, em certos aspectos, à biblioteca de Babel pensada por Borges, ou seja, a um gigantesco acervo contendo todas as combinações possíveis dos símbolos ortográficos.

Esse crescente acervo de material da rede heterogêneo transforma-se em material aparentemente democratizante, porém, muito mais, pseudo-democratizante, em virtude da sutileza de seletividade de material, além de condições específicas que exigem dispositivos de custos geralmente elevados, além da arte de produção e de possibilidades de disseminação, ocasionando exclusões e desigualdades.

Ontologicamente, as informações propagadas digitalmente comportam-se, como apontado, em condições de reprodutibilidade virtualmente infinita e, dado o caráter digital, formadas discretamente por zeros e uns. Sua porosidade situa-se, nesse aspecto, nos arranjos possíveis formadores de informação que se lançam ao exercício semiótico de quem as acessa. Os dispositivos, atualmente convertidos em agentes com disposição semântica, dão um passo em relação às máquinas semióticas de Nöth (2001), incorporando aprendizado e inteligência. Redes neurais, aprendizado de máquina e inteligência artificial são recursos já usuais em estruturas computacionais, com seus algoritmos.

Esse arranjo supera, em muito, as estruturas informacionais das bibliotecas, propondo modelos que concentram e irradiam informação, comunicação e mesmo conhecimento, visto estarem vinculados a sistemas que podem ler e discutir as informações a que se tem acesso. Os novos modelos de multitecas, ao não se

caracterizarem como estruturas de guarda e posse, mas de acesso e compartilhamento de informações, agem modelizados como sistemas semióticos, capazes não só de fornecerem indicações e informações culturais, mas também de proverem conversações, interações e intervenções, incutindo na cultura uma disposição que encontra nos agentes não humanos a mais humana das criações: a tecnologia.

É nesse contexto que as bibliotecas sucumbem às interações semióticas dos novos sistemas, com conversações impróprias de humanos e não humanos, estranhamente harmoniosas. Dessa aurora tecnológica, torna-se imperioso repensar as práticas culturais, quer seja pelos partidos com que a contemporaneidade deleita o homem na construção de sua cultura, quer seja pela provocação de um futuro inventado por ele, que o toma de sobressalto e o faz suspirar por passados enevoados, ao mesmo tempo que o força para o devir, em uma condição imposta pelo assombroso mundo novo.

Sobressaltado ou assombrado, o homem contemporâneo se deleita com suas criaturas, em particular com as luzes que se impuseram na forma de pixels, em apaixonantes criações autônomas. As multitecas, tais quais cérebros indômitos e destemidos, constituídos pela coletividade de obras e também de interações, mantêm sua vivacidade exatamente na perspectiva do acesso que as alimenta. Esse pulsar vibrante de códigos que percorrem infovias é metáfora de um corpo próprio, que tem no tratamento da informação seu *modus operandi*, em processos que se assemelham, cada vez mais, a sinapses e ao exercício hermenêutico.

CONCLUSÃO

INCOMPLETUDES E POROSIDADES

Suportes midiáticos que medeiam uma conectividade possibilitam múltiplos ambientes por onde transitam dados, informações, advindos ou construtores de conhecimentos.

As multitecas, denominação mais sensata para o conjunto de informações multilinguagem disponibilizadas em ambientes digitais, são um produto cultural em constante mudança, seja pelos acessos de humanos, seja pelo acesso de agentes não humanos. Esse movimento contínuo cria um organismo informacional em constante estado de atualização, quer pelo acréscimo de novos itens, quer pela disposição interativa de determinados produtos existentes, que seguem a tendência da produção transmídia.

A caracterização de uma era pós-convergência, denominada de conectividade, mantém-se como fenômeno mais cultural do que meramente técnico e, como tal, reclama seu lugar e relevância no contexto contemporâneo. As multitecas, seu *locus* de maior evidência, estão presentes virtualmente nas múltiplas plataformas, acessíveis e compartilháveis, presentes nas nuvens informacionais, nas práticas comunicacionais e na práxis de uma sociedade moldada, fundada e constituída essencialmente pelo conhecimento.

A porosidade e a incompletude são os signos das multitecas, que reivindicam a presença humana e se abrem a essa presença. Mais que isso, buscam-na, assim como o homem ao oxigênio. O acesso e o compartilhamento são alimento para esse contexto que se abre, implicando a conectividade. Mas isso é apenas um prolegômeno. Falta ainda escrever a nova história humana.

COLABORADORES

Todos os autores contribuíram na concepção e desenho do estudo, análise de dados e redação final.

REFERÊNCIAS

- BELLEI, S.L.P. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: EDUC, 2002. p.98-132.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p.343.
- LIMA, R. *Perto da máquina: arte e tecnologia e a nova sensibilidade estética*. In: NEITZEL, A.A.; SANTOS, A.L. (Org.). *Caminhos cruzados: literatura e informática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p.129-137.
- MOLES, A. *Teoria da informação e percepção estética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- NEITZEL, L.C. O texto atômico (impresso) e o texto binário (digital). In: NEITZEL, A.A.; SANTOS, A.L. (Org.). *Caminhos cruzados: literatura e informática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p.105-117
- NÖTH, W. Máquinas semióticas. *Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semi-ótica*, n.1, p.57-73, 2001.
- RÉGIS, C. Democratização ou exclusão? In: NEITZEL, A.A.; SANTOS, A.L. (Org.). *Caminhos cruzados: literatura e informática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p.119-128.
- ROCHA, C.S.; COELHO, R.F. Especificidades midiáticas e convergência digital: estranhamentos dos meios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM. Curitiba, 2009. *Anais...* Curitiba: INTERCOM, 2009. p.1-9.
- SANTAELLA, L. Mídia, participação e entretenimento em tempos de convergência. *Revista GEMInIS*, p.4-7, 2014. Edição Especial.
- SANTOS, A.L. Criação poética(?) e eletrônica (?). In: NEITZEL, A.A.; SANTOS, A.L. (Org.). *Caminhos cruzados: literatura e informática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p.9-25.

CLEOMAR ROCHA | ORCID iD: 0000-0003-0483-8380 | Universidade Federal de Goiás | Faculdade de Artes Visuais | Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual | Av. Esperança, s/n., Chácara de Recreio Samambaia, 74690-900, Goiânia, GO, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: C. ROCHA | E-mail: <cleomarrocha@gmail.com>.

OLIRA RODRIGUES | ORCID iD: 0000-0003-2371-3030 | Universidade Estadual de Goiás | Câmpus de Ciências Exatas e Tecnológicas | Assessoria de Relações Externas | Anápolis, GO, Brasil.

Como citar este artigo/How to cite this article

ROCHA, C.; RODRIGUES, O. Implicações da conectividade: prolegômenos. *Pós-Limiar*, v.1, n.1, p.13-21, 2018.

Recebido e aprovado em 12/4/2018.